

Dispositivo Midiático: linhas de visibilidade e de enunciabilidade da prática jornalística em casos de abusos sexuais praticados por padres

Izabelle Diniz¹

Pedro Navarro²

RESUMO:

Os casos mais emblemáticos de abuso sexual envolvendo sacerdotes tiveram grande repercussão em importantes veículos de comunicação mundiais, como o jornal americano *Boston Sunday Globe*. A partir desse evento, houve uma explosão discursiva sobre a temática, com diversos veículos de comunicação de renome global divulgando casos semelhantes. No Brasil, o cenário não foi diferente. Em julho de 2019, a revista *Veja* publicou três reportagens que abordaram ocorrências semelhantes no estado de São Paulo. Considerando o estatuto discursivo desse acontecimento social e jornalístico, empenhamo-nos em realizar uma descrição enunciativa que toma como ponto de partida as relações de poder em atuação no discurso midiático para interrogar a constituição das práticas discursivas noticiosas no movimento de produção do abuso sexual como um referencial discursivo. Mais especificamente, respaldados teórica e metodologicamente pelos estudos discursivos foucaultianos, no artigo, problematizamos o discurso jornalístico, em especial o da *Veja*, e sua atuação como um dispositivo de poder, por noticiar práticas de abuso sexual cometidas no interior de uma instituição religiosa secular, como é a Igreja Católica. O *corpus* de análise se constitui de três reportagens, todas previamente selecionadas pela relevância do veículo na cobertura de casos de abuso sexual cometidos por sacerdotes. Além disso, a referida revista possui um papel na formação de opinião pública e na mediação entre o público e o privado, especialmente em relação a instituições de grande poder, como a Igreja Católica, fato esse que faz de *Veja* um suporte estratégico para compreender as relações de poder e verdade no discurso midiático.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos discursivos foucaultianos. Michael Foucault. Dispositivo. Abuso sexual. Igreja Católica.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: bellediniz11@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1516-2028>

² Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor Adjunto – Nível B da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: navarro.pl@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3267-4985>

1. INTRODUÇÃO

Os casos mais emblemáticos de abuso sexual envolvendo sacerdotes tiveram grande repercussão em importantes veículos de comunicação mundiais, como o jornal americano *Boston Sunday Globe*. Para além do tratamento investigativo e da ampla divulgação dos crimes, o referido jornal funcionou como uma estrutura de poder para discursivizar os casos de abuso, prática essa que, a nosso ver, foge à estrutura de uma rede casual, ocasionando a quebra na rotina em certo estado de normalidade, pois era incomum observar a ocorrência de casos de agressão sexual envolvendo indivíduos no exercício do sacerdócio. A partir desse evento, houve uma explosão discursiva sobre a temática, com diversos veículos de comunicação de renome global divulgando casos semelhantes. No Brasil, o cenário não foi diferente. Em julho de 2019, a revista *Veja* publicou três reportagens que abordaram ocorrências semelhantes no estado de São Paulo. O conteúdo de maior notoriedade foi a reportagem de capa, intitulada “Livra-nos do Mal: Jovens abusados por padres revelam seus dramas pela primeira vez”. A imagem de um dos padres brasileiros acusados de violência sexual contra crianças e adolescentes na capa da revista produz uma ruptura na linha editorial semanal, tradicionalmente voltada para assuntos econômicos e políticos do veículo midiático.

A singularidade que chama nossa atenção está no fato de ser uma reportagem de capa, neste caso, a mais importante daquela edição, na maior revista impressa do país, que possui uma circulação líquida de 557.314³ exemplares e cerca de 517.807 assinantes. Considerando o estatuto discursivo desse acontecimento social e jornalístico, empenhamo-nos em realizar uma descrição enunciativa que toma como ponto de partida as relações de poder em atuação no discurso midiático para interrogar a constituição das práticas discursivas noticiosas no movimento de produção do abuso sexual como um referencial discursivo. Mais especificamente, respaldados teórica e metodologicamente pelos estudos discursivos foucaultianos, no artigo, problematizamos o discurso jornalístico, em especial o da *Veja*, e sua atuação como um dispositivo de poder (Foucault, 2018), por noticiar práticas

³ Dados disponíveis em: <http://publiabril.abril.com.br/svp/tabelas/circulacao?platform=revista-impressa-mais-digital>. Acesso em: 01 set. 2020.

de abuso sexual cometidas no interior de uma instituição religiosa secular, como é a Igreja Católica.

O *corpus* de análise se constitui de três reportagens, a saber: Jovens abusados por padres revelam seus dramas pela primeira vez, publicada em de 12 de julho de 2019; ; Caso de pedofilia em igreja de São Paulo chega ao Vaticano, veiculada em de 30 de agosto de 2019; e Os traumas e a luta por justiça de uma vítima de abuso de um padre, que compõe a edição de 30 de outubro de 2019, todas previamente selecionadas pela relevância do veículo na cobertura de casos de abuso sexual cometidos por sacerdotes. Além disso, a referida revista possui um papel na formação de opinião pública e na mediação entre o público e o privado, especialmente em relação a instituições de grande poder, como a Igreja Católica, fato esse que faz de *Veja* um suporte estratégico para compreender as relações de poder e verdade no discurso midiático. Portanto, sua escolha é central no trabalho de descrição enunciativa do comportamento dessa prática jornalística em termos de dispositivo de poder-saber legitimado para noticiar práticas de abuso sexual. Das reportagens listadas, são extraídas séries enunciativas (SEs) para o trabalho de análise foucaultiana de discursos aqui empregada.

Nesse contexto, podemos demarcar a mídia como uma superfície de emergência para a formulação e a circulação de sentidos diversos na sociedade. Logo, o conjunto de textos remete a outros temas ligados a ele, tais como: ética, moralidade, justiça, tradição. Vale ressaltar que, devido à sua amplitude, o arquivo é impossível de ser descrito, pois se trata de todos os enunciados ditos e não ditos no campo discursivo (Foucault, 2008). Assim, esse artigo não intenta dar conta de todos os enunciados produzidos pela mídia. Antes, procede por recortes enunciativos, levando em consideração um dos maiores veículos de peso nacional. Com um catálogo de notícias/entrevistas sobre a temática de abuso sexual contra crianças e adolescentes envolvendo a igreja, a Revista *Veja* produz e faz circular práticas discursivas midiáticas que produzem uma rede de saberes sobre as vítimas e seus abusadores.

2. O VISÍVEL E O ENUNCIÁVEL: A PRODUÇÃO DE SABERES NO PROCESSO ENUNCIATIVO MIDIÁTICO

Analisar a produção de saberes no processo enunciativo da prática jornalística empregada pela Revista Veja requer que consideremos que todo o dizer está exposto a um processo de rarefação, haja vista o fato de que algumas coisas podem ser ditas e outras não, pois, em uma sociedade como a nossa, “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, p.9, 1999). Nessa direção, ao nos atentarmos para as práticas discursivas, deparamo-nos com um complexo processo de comunicação que envolve diversas relações de poder, quando a questão é a publicação de uma notícia ou reportagem em um veículo midiático de credibilidade.

Outro aspecto é que a descrição feita se dá mediante um processo de escansão definido pela formação discursiva específica do campo discursivo da mídia, e isso diz respeito à relação entre sujeito jornalista, equipe de editoração e sociedade, todos ligados, em certa medida, ao um mesmo regime de verdades relacionado à constituição de sujeitos sociais e individuais.

Essa relação de força ganha corpo, quando a prática jornalística se torna a última instância para resolver um determinado problema, ainda mais quando o discurso sofre procedimentos de exclusão, como ocorre na repercussão de casos de abuso sexual envolvendo sacerdotes. Em tais condições de produção, a sociedade tende a atribuir poderes aos veículos midiáticos que vão além da sua competência. Esse sistema simbólico ancora-se em mecanismos estruturados e estruturantes de conhecimento que objetivam legitimar determinada compreensão sobre os fatos noticiados, sobre a qual incidem a legitimação da mídia e os efeitos de poder-saber que são atualizados na espessura material do que é enunciado.

De acordo com Dos Santos e Pinto Jr (2014) existe uma relação simbólica entre o jornalismo e o super-herói, tal conexão é entre a função do jornalista e a do super-herói, que vai além de meramente informar. O público enxerga o jornalista como alguém que deve estar sempre pronto para defender a sociedade e resolver crises, mesmo que, na realidade, os jornalistas não possuam superpoderes. Contudo, a maneira como eles agem, dando

visibilidade a problemas sociais, frequentemente força o poder público a tomar medidas, reforçando essa percepção de poder atribuído ao jornalista.

Tratar do visível e do enunciável nas reportagens de abuso sexual envolvendo sacerdotes significa partir de espaços de enunciação institucional muito bem demarcados. Esse espaço é governado tanto pelas normas institucionais, o que é permitido ou silenciado nas reportagens, quanto pelas estruturas visíveis de poder, ou seja, quem é visto como agressor sexual e quem é mantido na invisibilidade do seu crime, por estar protegido pelas instituições religiosas. Deleuze (2005, p.57) afirma que “os estratos são formações históricas, positivities ou empiricidades. Camadas sedimentares, eles são feitos de coisas e de palavras, de ver e de falar, de visível e de dizível, de regiões de visibilidade e campos de legibilidade de conteúdos e de expressões.” Dessa forma, no contexto das reportagens sobre abuso sexual de sacerdotes, por exemplo: o visível pode ser os corpos das vítimas, os rostos dos sacerdotes, as igrejas e os tribunais que aparecem nas reportagens. O dizível inclui as categorias de linguagem usadas para descrever esses eventos: abuso, pecado e justiça.

Nas reportagens, o visível se manifesta em imagens, gestos e representações dos agressores sexuais e das vítimas, mas também nos corpos que essas relações de poder expõem. Muitas vezes, a figura do sacerdote aparece coberta por uma aura de santidade ou autoridade moral, dificultando a visibilização de sua culpa e de seus atos como abuso. A própria figura institucional da Igreja, muitas vezes, aparece como uma barreira que obscurece a visibilidade desses abusos. No entanto, o enunciável delimita o que pode ser dito sobre esses atos, ou seja, como os abusos são nomeados e discutidos. Deleuze (2005, p.58) nos ajuda a compreender que “uma ‘época’ não preexiste aos enunciados que a exprimem, nem às visibilidades que a preenchem.” Em determinadas condições históricas, os abusos podem ser minimizados ou reformulados em um discurso institucional que protege os agressores sexuais e silencia as vítimas. O enunciável, nesse caso, está nas regras discursivas que moldam os relatos da imprensa, o que pode ou não ser revelado, o que é silenciado ou obscurecido, conforme as conveniências da Igreja e seus dispositivos de poder.

Nesse jogo de luz e sombra, dito e interdito, como se dá o funcionamento da prática discursiva jornalística em sua atuação como um regime de poder que determina o que é visto e enunciável?

Não é apenas o conteúdo da notícia que importa, mas as condições que permitem que certos discursos sejam proferidos, enquanto outros são excluídos ou marginalizados. No contexto da reportagem, o jornalista opera em um campo delimitado por essas regras discursivas, e o que ele pode publicar é condicionado por esses mecanismos de poder. No caso dos abusos sexuais por sacerdotes, o processo de visibilidade transforma esses crimes em temas públicos e, ao fazer isso, reforça a percepção de que a mídia tem o “poder” de expor verdades que estavam ocultas. No entanto, essa visibilidade é controlada por dispositivos de poder que decidem o que é mostrado e o que continua invisível.

A análise da produção desse sistema enunciativo expõe que o jornalismo não apenas informa, mas também cria visibilidades e enunciáveis que estruturam a percepção pública, sempre em limites impostos por relações de poder. O jornalista, ao mobilizar essas forças, atua tanto como mediador quanto como participante desse regime discursivo, que decide o que será visível e o que poderá ser dito.

As SEs que seguem a estas reflexões dão a dimensão desse jogo de poder-saber:

(SE1) “O que a **igreja considera uma punição, pode parecer muito pouco ou nada aos traumas causados ao adolescente**. A conclusão do processo administrativo resultou na **penalidade canônica de afastamento do exercício público do ministério**. Hoje, o padre Felipe trabalha diretamente ao lado do bispo, no departamento de patrimônio imobiliário da Igreja Católica, mas sem celebrar missas. Ele segue recebendo salário e tem contato com o público. [grifos nossos]”⁴

(SE2) “Suas advogadas Dilene de Jesus Miranda e Andressa Fraga **lutam para que o padre Felipe seja condenado por abuso sexual e expulso da Igreja Católica**: ‘para nós, que atuamos na área do direito de famílias, **o discurso da doutrina social da igreja**, de que a família é a **‘célula vital da sociedade’**, que deve ser protegida e receber tratamento prioritário, não é observado por alguns representantes da própria Igreja Católica, **que se omitem diante de fatos graves praticados pelos párocos**. [grifos nossos]”⁵

⁴ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/lucas-grudzien-luta-justica-padre-abusador/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

⁵ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/lucas-grudzien-luta-justica-padre-abusador/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

(SE3) “Somente depois que a família **procurou o Vaticano, o procedimento canônico foi instaurado**. Mesmo assim, **esperou por vários anos por uma resposta** que nunca chegou, **imperando a impunidade**, já que ao invés de ser penalizado, Felipe foi premiado e hoje trabalha ao lado do Bispo Dom Tarcísio. [grifos nossos]”⁶

Nessas séries enunciativas, o sujeito jornalista faz uso das formas da língua e as insere na luta social pela vontade de verdade sobre o abuso. Para tanto, o enunciável e o visível interagem na estruturação de um discurso que expõe as falhas da Igreja em lidar com casos de abuso sexual. O que é permitido dizer sobre esses casos e o que é tornado visível ao público é constituído por um conjunto de relações de poder para as quais a mídia serve como intermediária na elucidação das falhas.

Na SE1, o enunciado salienta que, apesar de o padre Felipe ter sido punido pela Igreja, a penalidade parece insuficiente diante do trauma causado à vítima. O enunciável é a ideia de que, embora o padre tenha sido afastado de suas funções públicas de ministrar missas, ele continua exercendo um papel na Igreja, ao lado do bispo, com salário e contato com o público. O que é visível neste discurso é a discrepância entre a punição aplicada e o impacto real no agressor, o que pode ser interpretado como uma crítica à superficialidade da penalidade. A mídia, ao relatar a penalidade canônica imposta ao referido padre, adota um tom crítico, por destacar a disparidade entre o que a Igreja considera uma punição e o impacto real dessa punição para o agressor. A frase "Ele segue recebendo salário e tem contato com o público" expõe a inadequação da punição aplicada e o posicionamento dessa mídia na condição de veículo que se propõe a revelar ao público a insuficiência das medidas tomadas pela Igreja, enfatizando que a justiça eclesiástica não é capaz de lidar com a gravidade dos crimes cometidos.

Já, na SE2, é produzida uma crítica mais direta, que destaca a contradição do discurso da Igreja que, teoricamente, valoriza a família, mas não é posto em prática por alguns de seus representantes, tidos como omissos diante de abusos cometidos pelos párocos.

⁶ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/lucas-grudzien-luta-justica-padre-abusador/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Como parte dessa estratégia de enunciabilidade, a prática discursiva jornalística recorre aos discursos indireto e direto, o que reforça o argumento do jornalismo e dá ancoragem linguística para a vontade de verdade que se produz em relação ao fato noticioso. Assim, somos informados de que as advogadas representam a luta contra a omissão, evidenciando a desconexão entre o que a Igreja prega e o que pratica.

Destacamos dois mecanismos empregados pela prática discursiva em tela para expor o jogo entre visibilidade e enunciabilidade do abuso sexual objeto de relato noticioso: 1) o discurso da doutrina social da Igreja, que deveria proteger a família, é contrastado com a omissão em casos de abuso. Aqui, o que pode ser dito está sendo explicitamente criticado, e as advogadas trazem à tona essa incoerência. A falha da Igreja em proteger as famílias é tornada visível pelas advogadas, que expõem a hipocrisia do discurso institucional.

2) a mídia destaca a ação das advogadas que lutam pela condenação do padre, contrapondo o discurso da Igreja sobre a proteção da família com a omissão diante de abusos. A estratégia adotada, como já adiantado, é a de dar voz às críticas sobre comportamento institucional da Igreja, ao mesmo tempo em que evidencia a discrepância entre o que é pregado e o que é praticado.

O efeito de poder-saber em relação à verdade que se produz pode ser resumido da seguinte forma: o veículo midiático age como uma plataforma de denúncia, mostrando ao público a hipocrisia da instituição. Ao dar destaque às advogadas que lutam pela condenação, a mídia posiciona-se de forma engajada, utilizando a fala das advogadas para sustentar sua crítica à falta de ação da Igreja. *Veja* apresenta-se como aliada na busca por justiça, ao mesmo tempo em que expõe a fragilidade do discurso religioso, face à omissão instituída e institucionalizada.

Na SE 3, ainda valendo-se do discurso relatado, o sujeito do enunciado reforça a ideia de impunidade, destacando que, mesmo com o envolvimento do Vaticano, o padre parece não ser verdadeiramente penalizado, mas sim "premiado" com uma posição próxima ao bispo. Essa posição no discurso advém de uma percepção de que, em vez de sofrer as consequências, o padre é beneficiado. Assim, o eixo do enunciável reforça a prática de que, ao invés de punição, o criminoso foi recompensado. A impunidade é o elemento visível que provoca indignação, pois traz à luz as ações de um sujeito que se vale dos mecanismos religiosos, pelo fato de ter uma posição privilegiada, o que dá condições para que seja

exposta a ineficácia da justiça interna da Igreja. Ao realizar essa articulação entre o ver e o enunciar, a prática discursiva em funcionamento expõe a visibilidade de um corpo sobre o qual não pesa a punição, ao mesmo tempo em que produz um discurso que escancara a falta de reparação às vítimas dos abusos.

A mídia assume uma postura de denúncia mais explícita, ao afirmar que o padre não foi penalizado, mas sim "premiado". Ao utilizar o termo "premiado", o veículo sugere uma crítica direta à maneira como a Igreja lida com os casos de abuso, expondo a contradição entre as expectativas de punição e a realidade de favorecimento. O relato de que o padre trabalha ao lado do bispo reforça a ideia de que, em vez de punição, há um sistema que recompensa ou protege os culpados.

Nessas três SEs, a prática discursiva midiática adota um posicionamento crítico em relação à Igreja Católica, destacando falhas institucionais, impunidade e a desconexão entre o discurso e a prática. Em algumas sequências, como na SE3, o tom de denúncia é mais direto, enfatizando a gravidade da impunidade e a falha da Igreja em lidar com os crimes de forma adequada. Outro aspecto: a *Veja* posiciona-se como mediadora da verdade, responsável por tornar visível ao público aquilo que a Igreja tenta manter oculto ou minimizado. A vontade de verdade do jornalismo praticado nesse caso do abuso sexual é colocar o veículo de informação em um lugar de porta voz crítica, mas também como uma fonte de esperança condicional, à medida que sinaliza para possíveis soluções, sempre sob uma perspectiva de constante vigilância.

3. PODER E MÍDIA: O DISPOSITIVO MIDIÁTICO NA DENÚNCIA DE ABUSOS SEXUAIS POR SACERDOTES

O discurso é constituído por relações de poder que são manifestas nas práticas discursivas, e para lançar um olhar sobre os enunciados midiáticos adotamos o método genealógico de Michel Foucault (2018), com vistas a descrever as relações de poder que estão em funcionamento no discurso midiático, tendo em vista o dispositivo que ganha corpo nos discursos sob investigação. Por dispositivo, Foucault tenta

demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 2018, p. 364).

O dispositivo emerge da rede de relações discursivas heterogêneas, englobando tudo o que está a sua volta e atuando nos discursos que “estruturam o programa e funcionamento de uma instituição ou mesmo mascaram ou justificam uma prática que permanece muda ou secundária na sociedade” (Sousa, 2015, p. 23). Assim, trata-se de uma formação que, em certo momento, teve como objetivo responder a uma urgência, desse modo, ele tem uma função estratégica que visa a um resultado, pois o poder não é repressor e sim produtor.

Por meio das práticas discursivas, pode-se estabelecer divisões no discurso midiático que nos permitem localizar o dispositivo em funcionamento, seja por meio do jogo entre o verdadeiro e falso, o que é permitido falar e o que não, o aceitável e o não aceitável. No caso do *corpus* analisado, ocorre a manifestação de dispositivos que se cruzam, sendo eles o familiar, o religioso, o tipo de mídia praticada pela Revista *Veja* e o campo jurídico penal, com predomínio para os dois últimos. Esses dispositivos interagem de forma complexa, configurando as relações de poder midiáticas e reforçando o controle social exercido sobre os temas abordados. Nesse sentido, é possível observar como a combinação dessas esferas discursivas faz emergir um espaço enunciativo belicoso, por vezes, no qual os interesses de diferentes instituições se encontram e se confrontam.

Em virtude dessa teia discursiva, o dispositivo midiático tem como componentes as linhas de visibilidade e de enunciação, pois engloba as práticas jornalísticas, os critérios de credibilidade, a ideia de mediação entre o público e o privado, a apuração dos fatos e a materialidade da linguagem constituída por um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual constituem saberes de um momento histórico. Dessa forma, “a mídia é uma fonte poderosa e inesgotável de produção e reprodução de subjetividades, evidenciando sua sofisticada inserção na rede de discursos que modelam a história do presente” (Gregolin, 2007, p. 24). Conhecida como quarto olho do poder, ela possui uma lógica mercadológica que responde a interesses próprios. Nesse caso, o objetivo inicial da revista *Veja* é vender mais exemplares, ao veicular as matérias de abuso sexual contra crianças e adolescentes

envolvendo os sacerdotes da Igreja, porque a conduta desses homens contradiz as regras históricas. Aqui, a tradição religiosa e seu impacto na credibilidade social são centrais, visto que as normas instituídas pela Igreja exercem um poder significativo sobre a sociedade.

Apesar de possuir um motivo maior (o mercadológico), o dispositivo midiático reverbera também em outras direções, dando visibilidade às vítimas de abuso sexual e expondo uma rede de casos que ocorrem no mundo e se perpetua há gerações. Pelo fato de que novas denúncias seguiram a grande matéria de capa da *Veja*, é possível que exista uma inversão na relação de poder que antes funcionava como segredo exigido pelos padres usando de seu *status* discursivo e por meio da confissão, e agora passa a ser da mídia, como um espaço de denúncia e exposição do lugar de vítima. Consideremos, para fins de descrição enunciativa, as seguintes SEs:

(SE4) “**Nesta reportagem de VEJA**, pela primeira vez, elas **revelam** seus dramas: Eles são testemunhas do **escândalo** que chegou ao Vaticano e provocou a renúncia do bispo que protegia os pedófilos [grifos nossos]”⁷

(SE5) “**O pecado abjeto** foi **premeditado** em detalhes [grifos nossos]”⁸

(SE6) “Passado um tempo, o homem se retirou para tomar banho e a jovem visita ficou vendo TV na sala. Na sequência, **começou o inferno** [grifos nossos]”⁹

A partir da série enunciativa acima, pode-se notar o sujeito-jornalista atravessado pelo campo associado (Foucault, 2008) da religião católica. Na construção textual, especificamente do léxico, ele faz uso da intertextualidade desse campo, com o objetivo de criticar essa instituição conservadora que vê a sexualidade como pecado e o inferno relegado aos que se permitirem a ela, exigindo luta constante da alma contra carne. Entretanto, ocorre

⁷Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/jovens-abusados-por-padres-revelam-seus-dramas-pela-primeira-vez/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

⁸Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/jovens-abusados-por-padres-revelam-seus-dramas-pela-primeira-vez/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

⁹Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/jovens-abusados-por-padres-revelam-seus-dramas-pela-primeira-vez/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

a pedofilia dentro de seus muros e nada se pode fazer, dessa maneira, pode-se notar dois posicionamentos colocados pelo dispositivo midiático: o de uma instituição que faz vistas grossas às práticas inescrupulosas por elas serem cometidas pelos seus membros, o que fere a dignidade e os direitos humanos das vítimas em prol de não manchar sua reputação. Ao mesmo tempo que posiciona a Revista *Veja* como detentora da verdade, principalmente, quando o sujeito-jornalista usa o verbo revelar, no sentido de tornar conhecido algo que era ignorado ou secreto.

Na SE4, o sujeito enunciador vale-se de um experiente linguístico cujo significado remete para algo que sempre fora ocultado, mas que, pelos testemunhos das vítimas, agora está sendo trazido à luz. Trata-se da confissão de uma verdade que não era conhecida pelo público, por isso contém algo de trágico, porque mexe com emoções que começam a ser discursivizadas, pelo mecanismo posto em funcionamento pela *Veja*. O foco do discurso não está mais no que se esconde além do óbvio, mas na própria construção das representações que sustentam aquilo que é mostrado. Nesse viés, ao se valer de “revelam”, o enunciador jornalístico não apenas coloca em evidência o conteúdo velado, mas também instiga o leitor a refletir sobre a estrutura que o encobre.

O efeito de revelação que recobre a SE4 é uma ancoragem linguística para, no plano discursivo, reforçar a legitimidade do jornalismo, pelo fato de ser capaz de investigar e dar a conhecer as coisas no mundo e o modo como elas aconteceram. Soma-se a esse mecanismo do dispositivo midiático a necessidade de noticiar algo que seja inédito, por isso o uso da locução adverbial “pela primeira vez”, que reforça o ineditismo da revelação, sugerindo que o público não teria tido acesso aos relatos antes, o que cria uma relação de poder-saber, por meio da qual a Revista *Veja* se posiciona como detentora e mediadora da verdade.

“Revelam” e “pela primeira vez” são elementos da materialidade dessa SE que dão suporte para o exercício de um poder simbólico que se manifesta não apenas no que é dito, mas na forma como é dito. A presença do verbo “revelam” é a chave para o exercício do poder, se considerarmos que, no contexto do seu uso, implica a retirada de um “véu”, a exposição de algo até então oculto ou negado. Nesse sentido, a Revista *Veja* posiciona-se como a mediadora da verdade, a instância que torna visível uma realidade até então velada, autorizada que está para dar visibilidade a esses dramas. O poder se manifesta na própria

estrutura do enunciado, que constrói o papel da mídia como aquele que detém a capacidade de trazer à luz aquilo que era silenciado ou ignorado.

Já na SE5, a estratégia discursiva do jornalismo é valer-se de um significante cuja historicidade do uso é circunscrito ao campo religioso. Em termos de visibilidade, o dispositivo midiático faz ver o sujeito abusador como pecador, ao mesmo tempo em que denuncia a hipocrisia da instituição religiosa, que prega a moralidade enquanto tolera, dentro de seus muros, atos tão contrários aos seus princípios. Esse dispositivo, ao expor o planejamento detalhado do abuso, reafirma o seu papel como revelador de uma verdade escondida pela Igreja, confrontando diretamente o dispositivo de controle que a Igreja tenta manter sobre essas informações. O uso de "premeditado" implica planejamento, intenção, o que agrava ainda mais a percepção de culpa. Esse termo não é apenas descritivo, ele cria uma narrativa de responsabilidade consciente e deliberada. No contexto do discurso midiático, isso aumenta o poder de condenação, pois distancia o ato de um possível acidente ou erro e o transforma em algo consciente, planejado. Isso é uma estratégia de poder, pois coloca o agressor em uma posição de total controle sobre suas ações, o que retira qualquer possibilidade de defesa moral.

Assim, o sistema lexical presente nessa SE, com destaque para “pecado”, “abjeto” e “premeditado”, reforça a gravidade, ao sugerir que o abuso foi planejado de forma consciente. Esses termos ancoram o peso do dispositivo em ação, mediante o qual não apenas é descrito um crime, como, também, eleva-o a um patamar de condenação moral. O poder exercido é o de agravamento do julgamento, pois o uso de uma linguagem com forte carga moral é um recurso da prática jornalística para que não haja dúvidas sobre uma condenação, que não seve se restringir ao aspecto legal, mas ética e espiritual. Outro aspecto dos efeitos de poder-saber que são vinculados ao modo como o jornalismo noticia o crime diz respeito ao estabelecimento de uma divisão entre o aceitável e o inaceitável, no interior da qual o agressor é colocado no campo do que é absolutamente repudiado.

Por fim, na SE6 o sujeito da prática jornalística vale-se ainda do relato dos fatos, conferindo a eles o horror do crime, pelo uso da palavra "inferno". Léxico esse que forma o domínio associativo religioso, mas que, na SE, é recuperado para descrever, de forma dramática, o abuso cometido por um sacerdote cristão. Uma estratégia do dispositivo midiático é visibilizar a hipocrisia da Igreja, que prega o combate ao pecado, enquanto abriga

os próprios perpetradores desse sofrimento. O "inferno" não é apenas o sofrimento da vítima, mas também a desconstrução da moralidade institucional que a Igreja tenta manter. Ao mesmo tempo, a Revista *Veja* se posiciona como a instância de poder que expõe e condena essas práticas, reforçando o dispositivo midiático como uma ferramenta de denúncia e visibilidade das vítimas. A escolha lexical do termo para descrever o início do abuso sexual posiciona o ato em uma esfera de dor e tormento extremos, comparando-o a um estado de punição espiritual máxima. Trata-se de um recurso linguístico cujo efeito de poder-saber assenta-se na estratégia discursiva de retirar o abuso do campo puramente factual e o inserir em um discurso de condenação moral e religiosa. O poder exercido aqui é o de intensificar a gravidade do abuso, tornando-o um ato de proporções infernais, não apenas um crime legal, mas um mal absoluto, digno de máxima reprovação.

Em todas as séries enunciativas, a revista *Veja* utiliza um léxico fortemente carregado de significados religiosos, enquanto simultaneamente desconstrói a imagem da instituição católica, expondo suas contradições. O dispositivo midiático se cruza com o religioso ao apropriar-se da linguagem moral da Igreja para denunciar suas falhas. A mídia, como quarto olho do poder, assume o papel de mediadora entre o público e o privado, emergindo segredos e ampliando a visibilidade das vítimas. Nesse processo, o discurso midiático se fortalece como produtor de verdades e controlador das relações de poder, ao mesmo tempo em que expõe e critica as práticas abusivas cometidas por clérigos da instituição religiosa.

A relação de poder, portanto, é deslocada da Igreja para a mídia, que agora detém o poder de dar voz às vítimas e expor as práticas ocultas. Essa mudança no equilíbrio de poder também permite que a verdade seja construída a partir das práticas jornalísticas, que são atravessadas por dispositivos, com suas linhas de visibilidade e de enunciabilidade, para criar um campo de saber que contradiz o silêncio anterior imposto pela Igreja.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou analisar de que modo, discursivamente, os crimes de abuso sexual cometidos por sacerdotes católicos são noticiados pelo jornalismo, levando em conta as estratégias discursivas dessa prática e sua ação como dispositivo de poder-saber.

Com esse intento, as SEs selecionadas e analisadas mostraram como esse discurso mobiliza as ordens do visível e do dizível sobre os crimes. Vimos que o discurso midiático é um dispositivo de poder que opera expondo os casos de abuso sexual envolvendo sacerdotes, especialmente por meio das reportagens publicadas pela revista *Veja*. Esse dispositivo midiático não apenas informa, mas participa ativamente na estruturação de relações de poder, ao tornar visíveis os abusos anteriormente ocultados pela Igreja Católica. A análise das três reportagens resultou que a mídia atua como um espaço estratégico de emergência de práticas discursivas, capazes de subverter o silêncio institucional e dar visibilidade às vítimas.

A prática jornalística transcende seu papel tradicional de informar e se torna uma ferramenta de poder, produzindo visibilidades e enunciáveis que configuram a maneira como a sociedade compreende e responde aos crimes de abuso sexual. O artigo, portanto, oferece uma reflexão sobre como o poder midiático se articula com as instituições religiosas, contribuindo para a formação de novas formas de resistência, vigilância social e crítica pública em torno de temas de grande relevância ética e moral.

O discurso religioso, ao longo dos séculos, estabeleceu conceitos de moralidade e conduta que estão profundamente enraizados na sociedade. Quando a mídia, ao reportar um crime de abuso sexual, se apropria desse discurso religioso, ela não só expõe uma certa vontade de verdade em relações aos atos, como também age como um juiz moral. E isso ocorre dado o fato de que a linguagem tem o poder de criar realidades e direcionar percepções sobre os fatos. Ao usar termos como "pecado", "abjeto" e "premeditado", a mídia configura a maneira como o público enxerga esses atos, levando-os a perceber o abuso não apenas como um crime legal, mas como uma falha moral gravíssima. Isso não apenas legitima a exposição dos fatos, mas também fortalece o papel da mídia como um agente de denúncia e regulação moral. A ancoragem linguística ao discurso religioso e moral funciona como um dispositivo de poder que constrói a realidade e a percepção do público, por meio das relações de poder ocorre a configuração de uma vontade de verdade moral sobre os fatos que vai além da informação.

Mediatic device: lines of visibility and enunciation in journalist practices on case of sexual abuse committed by priests.

ABSTRACT:

The most emblematic cases of sexual abuse involving priests gained significant attention in major global media outlets, such as the American newspaper *Boston Sunday Globe*. Following this event, there was a discursive explosion on the subject, with various renowned global media outlets reporting similar cases. In Brazil, the scenario was no different. In July 2019, *Veja* magazine published three reports addressing similar occurrences in the state of São Paulo. Considering the discursive status of this social and journalistic event, we aim to provide an enunciative description that takes as its starting point the power relations at work in media discourse to interrogate the constitution of news discursive practices in the production of sexual abuse as a discursive reference. More specifically, drawing on theoretical and methodological support from Foucauldian discourse studies, this article problematizes journalistic discourse, particularly that of *Veja*, and its role as a power device by reporting sexual abuse practices committed within a secular religious institution such as the Catholic Church. The corpus of analysis consists of three reports, all selected based on the outlet's relevance in covering cases of sexual abuse committed by priests. Furthermore, the magazine in question plays a significant role in shaping public opinion and mediating between the public and private spheres, especially regarding institutions of great power, such as the Catholic Church. This makes *Veja* a strategic medium for understanding power and truth relations within media discourse.

KEYWORDS: Foucauldian discourse studies. Michel Foucault. Apparatus. Sexual abuse. Catholic Church.

REFERÊNCIAS

BATISTA JUNIOR, João; LOPES, Adriana Dias; GIROTTI, Edoardo. **Jovens abusados por padres revelam seus dramas pela primeira vez**. Revista Veja. São Paulo: 12 jul. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/jovens-abusados-por-padres-revelam-seus-dramas-pela-primeira-vez/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BATISTA JUNIOR, João. **Os traumas e a luta por justiça de uma vítima de abuso de um padre**. Revista Veja. São Paulo: 14 out. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/lucas-grudzien-luta-justica-padre-abusador/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005.

DOS SANTOS, Gianne Regina Conceição; JR, Antonio Carlos Pimentel PINTO. **Super-herói da Notícia: o papel do jornalista como sujeito social**. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/norte2014/resumos/R39-0114-1.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2024.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 7. ed. São Paulo, SP: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 3. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2018.

RICO, Almeida. **Caso de pedofilia em igreja de São Paulo chega ao Vaticano**. Revista Veja. São Paulo: 30 ago. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/religiao/caso-de-pedofilia-em-igreja-de-sao-paulo-chega-ao-vaticano>>. Acesso em: 9 set. 2019.